

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

O TRABALHO COLABORATIVO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O AVA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO E PRÁXIS

Ana Cristina Castro do Lago¹
Lílian Correia Oliveira²
Yale Cunha Avelino³

Eixo 08 – Tecnologia, Mídias e Educação.

RESUMO

O texto apresenta experiência desenvolvida em um subprojeto do PIBID, vinculado ao curso de Pedagogia de uma universidade estadual baiana. Explicita o papel e importância de um AVA como espaço mobilizador com a construção de um ‘banco de aulas’ que integra processos educativos na Formação de Professores. Contextualiza o estudo a partir da reflexão acerca da trajetória deste subprojeto, cuja iniciativa propõe o reconhecimento da viabilidade e alcance do AVA, no formato de uma plataforma livre, enquanto agregador das propostas de atividades de ensino. Tem por objetivo investigar as possibilidades deste AVA como intermediador dos processos da tríade colaboração/mediação/práxis apontando para o sentido de gerar saberes desenvolvido coletivamente no delineamento de formas de compreensão da prática docente, desenvolvendo uma cultura de intervenção com o uso do AVA.

Palavras-chave: Colaboração. Mediação. Práxis.

RESUMEN

El texto presenta la experiencia desarrollada en un sub proyecto del PIBID, vinculado al curso de Pedagogía de una Universidad estatal de la Bahía. Explica la función y importancia de un AVA como espacio de movilización con la construcción de un 'Banco de lecciones' que integra los procesos educativos en la Formación del Profesorado. Contextualiza el estudio de la reflexión sobre la trayectoria de este sub proyecto, cuya iniciativa propone el reconocimiento de la viabilidad y el alcance de AVA, en forma de una plataforma libre, mientras congregador de las actividades de enseñanza. Pretende investigar las posibilidades de este AVA como intermediario del procesos de la tríada colaboración /mediación / *praxis* apuntando hacia el sentido de generar conocimiento desarrollado colectivamente para la comprensión de la enseñanza, desarrollando una cultura de intervención con el uso de AVA.

Palabras-clave: Colaboración. Mediación. *Praxis*.

INTRODUÇÃO

O texto “O trabalho colaborativo na formação de professores: o AVA como espaço de mediação e práxis” aqui apresentado, traz a proposta de estudar a aproximação entre Universidade e Educação Básica, e as suas interconexões com a formação docente. Neste estudo articula-se o entendimento sobre o que é necessário para garantir qualidade à formação de educadores nos cursos de Licenciatura em Pedagogia. E esta tarefa será delineada a partir da investigação do potencial do Ambiente Virtual de Aprendizagem (doravante será nomeado pela sua inicial AVA) para mediação entre os participantes e delineamento de formas de desenvolver a prática docente.

É importante ressaltar que esta reflexão advém das experiências fruto da execução do PIBID vinculado ao curso de Pedagogia de uma Universidade Pública Estadual, cujo subprojeto prevê a intervenção didática em um AVA, onde está situado um ‘banco de aulas’, como potencializador da mediação e *práxis* pedagógica, no contexto da Formação de Professores. Entende-se que o trabalho colaborativo atravessa a preocupação deste projeto, na medida em que se busca discutir o reconhecimento da viabilidade, do alcance e da abrangência deste AVA enquanto integrador das propostas de atividades integradas de ensino e o seu impacto na formação dos licenciandos e regentes da educação básica que estão envolvidos nesse projeto.

A iniciativa de discutir acerca dos processos colaborativos envolvidos no citado projeto, tem o intuito de apontar as possibilidades da mediação e *práxis* pedagógica construída a partir de uma cultura de mediação e acompanhamento da aprendizagem dos licenciados em Pedagogia com o uso dos dispositivos do AVA, por meio da interatividade e da aprendizagem colaborativa na rede. Esse investimento revela total convergência com investigações acerca das possibilidades contemporâneas para o trabalho docente, seus processos, atores e desenhos emergentes.

RECONHECIMENTO DO CONTEXTO DO ESTUDO

Como já foi mencionado, este estudo parte da experiência de execução do subprojeto do PIBID que funciona no Departamento de Educação no qual está instalado. A idéia do projeto é a de construir projetos didáticos, além de propostas de atividades integradas de ensino e retroalimentá-las no AVA que está disponível para os estudantes do curso de Pedagogia e para os professores da Escola Parceira. A proposta trazida no projeto apresenta a seguinte configuração:

- Composição de projetos didáticos e das propostas de atividades integradas de ensino;
- Postagem dos projetos didáticos e das propostas de atividades integradas de ensino no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA);
- Discussão no fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA);
- Aplicação dos projetos didáticos e das propostas de atividades integradas de ensino;
- Postagem da versão definitiva dos projetos didáticos e das propostas de atividades integradas de ensino.

Mais especificamente, é necessário dizer que os projetos didáticos e as atividades integradas de ensino que compõe o AVA são gestados por estudantes de pedagogia (bolsistas PIBID) e em conjunto com a professora da Escola Parceira. Refletindo sobre essa vigorosa tendência quanto à utilização da TIC em todos os setores e espaços da sociedade, é que este texto apresenta aqui este subprojeto do PIBID, cuja iniciativa é à adoção de estratégias e dispositivos propostos pelo AVA, propiciando a partilha, sistematização, socialização e ampliação das formas de intervenção didática produzidas para/na relação Universidade/Escola.

APORTES TEÓRICOS

Os aportes teóricos que dão suporte à concepção e ao desenvolvimento deste estudo compreendem trabalho colaborativo, referenciais de Educação e Tecnologias e contribuições das pesquisas sobre mediação e *práxis* pedagógica. As idéias que subsidiam este estudo apóiam-se nas pesquisas de autores contemporâneos, tais como: Damiani (2008), Masetto

(2001), Ramal (2002), Silva (2000), Levy (1999), Alves (2000), Souza e Santos (2008), Franco (2008), Freitas (2005), Fusari (2011), Vázquez (2011), Freire (1977) dentre outros.

Referente ao trabalho colaborativo tem-se como aporte as idéias de Damiani (2008) que discute a importância do desenvolvimento de atividades colaborativas nas escolas e como esse processo podem gerar resultados diferenciados nas atividades que envolvem professores e estudantes.

Quanto aos referenciais de educação e tecnologias, o presente texto deriva da compreensão dos referenciais teóricos de:

- Ramal (2002), que investiga o potencial e eficácia do uso das TIC para a construção do conhecimento. Para ela a internet descortina novas perspectivas para a educação, a partir da utilização da TIC, para o desenvolvimento de um processo educacional interativo, que propicia a produção de conhecimento, via processos colaborativos;
- Silva (2000), pois em seus estudos sobre interatividade, sustenta a idéia da construção enquanto em conjunto, baseada numa relação de reciprocidade e de interação. O processo de ensino/aprendizagem baseado na interatividade pode ser bastante participativo e permitir experiências muito enriquecedoras. A partir das suas idéias, pode-se perceber que esse processo não é natural, exige intencionalidade, a exemplo de engajamento em projetos estabelecidos no ponto de vista do diálogo e da interação, e inclusive na a inserção das novas tecnologias e com a inserção destas;
- Levy (1999) com os aportes propostos que conclama a uma reflexão sobre os sistemas de educação e formação na cybercultura, observada desde a ponto de vista da dialética. Os conceitos de Inteligência Coletiva, Virtualidade e Ciberespaço se sustentam na profunda análise da transformação da sociedade contemporânea em relação ao conhecimento, além de ajudar a pensar o que são inteligências coletivas, ciberespaço e realidade virtual; e,
- Alves (2000), pois ela afirma que existem vários modelos e potenciais para EAD, destacando a possibilidade de atuação intencional e crítica dos educandos na construção e dinamização de AVA e redes sociais. Ao entrar em contato com as idéias da autora, pode-se perceber que a prática pedagógica incrementada pelos recursos das TIC gera valores de sociabilidade, diálogo, entendimento e coparticipação; além de propiciar o desenvolvimento de atitudes favorecedoras da integração entre diferentes áreas do conhecimento. O texto aqui apresentado tem essa tônica: promover a

integração professor/estudante, escola/universidade, teoria/prática, mediadas na plataforma AVA.

Alusivo a mediação didática, apresentam-se os seguintes autores: Masetto (2001) cita a mediação pedagógica como a atitude, o comportamento do professor que se coloca como facilitador / incentivador ou motivador da aprendizagem. A analogia da ponte, proposta pelo autor, é bastante elucidativa, pois apresenta o professor como ponte 'rolante' entre o aprendiz e sua aprendizagem já que colabora ativamente para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

No que diz respeito à *Práxis*, pode-se ressaltar a afirmação dos autores Souza e Santos (2008) que revelam o desconforto dos professores em formação na integração entre teoria e prática no seu trabalho. No entanto, busca-se compreender o sentido filosófico da práxis na atividade docente, cujo objetivo encontra sentido na transformação do objeto e do autor da práxis, dessa forma há que expor a análise da filosofia da práxis proposta por Vásquez (2011).

Há um conflito por parte dos professores em formação quanto à função da teoria estudada e suas atividades práticas, mas os docentes demonstram que a teoria adquire significado no confronto com os problemas da prática. Franco (2008) sinaliza a necessidade de mudança nas práticas de formação de professores de forma a promover significado e identidade ao trabalho docente, gerando, dessa forma, a criatividade, a autonomia e a percepção do docente em formação para as exigências de cada situação educacional concreta, avançando da reprodução à atitude de autoria e apropriação da própria ação. Fusari (2011) elucida sobre a importância da reflexão sobre a ação no trabalho docente ao afirmar que a reflexão filosófica deve preencher três requisitos básicos que apresenta como: radical, rigorosa e de conjunto.

Portanto, a reflexão da prática requer a busca da raiz do problema, o embasamento teórico e a visão de um contexto em que ocorrem os fatos. Freitas (2005) compreende a práxis docente de forma abrangente, compreendendo o contexto social e institucional, não apenas centrado em práticas individuais. A autora revela que não basta que o docente reflita sobre a sua ação na sala de aula, ele precisa compreender os elementos que condicionam a prática profissional. Portanto, a práxis pedagógica avança como prática politizada em oposição à práxis alienada.

DESENVOLVIMENTO

Assim, neste texto, busca-se repassar os processos colaborativos possíveis de se constituir na formação de professores, atravessado pelo dispositivo do AVA, com o seu ‘banco de aulas’ enquanto espaço de mediação didática e de *práxis* pedagógica. Vale ressaltar o entendimento de que esta constituição se dá na sala de aula e para além dela, no processo circular de desenvolvimento / reconstrução de aulas e que esse trabalho pressupõe um processo interativo, no qual para ser desenvolvido torna-se necessária trocas de qualidade entre os participantes de tal processo. A riqueza deste processo se dá no exercício de pesquisa, transformação e busca de inovação, propiciando subsídios para intensas reflexões sobre a formação profissional do educador e, ressignificando o processo de tornar-se docente.

O TRABALHO COLABORATIVO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Discutir o trabalho colaborativo na formação de Professores é de fundamental importância, pois pressupõe uma nova concepção de educação, cuja marca é produzir e desenvolver atividades coletivamente. Esta concepção é responsável por um novo sujeito - em formação - que estabelece relações horizontais, compartilha objetivos, se corresponsabiliza pela condução das ações, está envolvido em clima de apoio e confiança mútua. Segundo Damiani, “na colaboração, [...], ao trabalharem juntos, os membros de um grupo se apóiam, visando atingir objetivo comum negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem a não-hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e co-responsabilidade pela condução das ações (2008: p. 215). Os valores envolvidos neste processo são formativos e, por conseguinte, necessitam serem incrementados na Formação de Professores.

Para explicitar que o processo vivido pelos sujeitos na construção do hábito do trabalho colaborativo, via o ‘banco de aulas’ do AVA. É certo que o trabalho colaborativo na Formação de Professores só beneficia os participantes envolvidos nessa dinâmica, pois estes internalizam normas, hábitos, expectativas, habilidades e entendimentos, que se caracterizam como um conjunto de saberes importantes para apreender a realidade partilhada entre a universidade e a escola.

Damiani afirma que é pelo engajamento em atividades cotidianas, desenvolvidas em seu grupo de trabalho, que ocorre a produção, transformação e mudança na identidade das pessoas, em seu conhecimento e em suas habilidades práticas (2002: p. 217). Ao compartilhar

estes conhecimentos, se está construindo uma memória coletiva, resultado do trabalho em conjunto, onde são tecidos significados e representações complexas e elaboradas.

Para se chegar a esta concepção de trabalho colaborativo na Formação de Professores, não basta terem computadores ligados à internet, antes se torna necessária reflexão coletiva sobre essa mídia no cotidiano e na vida do professor e estudante; além de garantir que eles sejam utilizados efetivamente na prática formativa. Daniels (2000) argumenta que as culturas de trabalho colaborativo são importantes ambientes para a promoção de trocas de experiência e, conseqüentemente, de aprendizagens, promovendo incremento nesses parâmetros (DAMIANI, 2002: p. 218), daí a importância de pensar a efetividade desse excelente espaço de compartilhamento e aprendizagem.

A constituição deste espaço, para docentes e licenciandos, é potente. Os trabalhos de Zanata (2004) e Loiola (2005) indicam que o trabalho colaborativo entre docentes [...] permite a identificação de suas forças, fraquezas, dúvidas e necessidades de reconstrução, a socialização de conhecimentos, a formação de identidade grupal e a transformação de suas práticas pedagógicas. (DAMIANI, 2002: p. 220). Ou seja, participar de experiência colaborativa favorece a análise, a crítica e a decisão face aos problemas apresentados na realidade. Entre os licenciandos podem-se ressaltar valores diversos como aponta Damiani:

[...] Os benefícios das atividades colaborativas entre estudantes têm sido ressaltados, da mesma forma que entre docentes, por diversos autores. Os trabalhos de Coll Salvador (1994) e Colaço (2004) são exemplos dos que realizam uma análise ampla dos efeitos desse tipo de atividade entre estudantes. Esses autores apontam ganhos em termos de: 1) socialização (o que inclui aprendizagem de modalidades comunicacionais e de convivência), controle dos impulsos agressivos, adaptação às normas estabelecidas (incluindo a aprendizagem relativa ao desempenho de papéis sociais) e superação do egocentrismo (por meio da relativização progressiva do ponto de vista próprio); 2) aquisição de aptidões e habilidades (incluindo melhoras no rendimento escolar); e 3) aumento do nível de aspiração escolar [...]. (2002: p.222)

Tanto para docentes e licenciandos, o trabalho colaborativo possibilita o resgate de valores tais como: o compartilhamento e a solidariedade, que são fundamentais para as relações que as estabelecidas entre os diversos envolvidos na ação educativa / formativa.

O AVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESPAÇO DE MEDIAÇÃO

Parte-se aqui do pressuposto de que é preciso entender que a sociedade atual exige o uso dessas tecnologias e que esse uso traz avanços e possibilidades. Esses avanços dão margem a possibilidades como: desenvolvimento da criticidade, da curiosidade de sempre buscar coisas novas e a criatividade de expressão e reflexão. Assim como a possibilidade da aprendizagem à distância por meio da facilidade de troca de informações em frações de segundos, rompendo as barreiras do espaço geográfico. Neste sentido, intervir a partir de um AVA, cujo ‘banco de aulas’ potencializa uma mediação didática na proposta de atividades integradas de ensino, interligando a universidade e a escola, visando uma melhor qualidade à formação de professores, se constitui o diferencial desse texto

As tecnologias ao longo dos anos foram popularizando-se e essa é uma das causas para que os profissionais da educação precisem se apropriar delas. É sabido que o uso dessas tecnologias na educação tem o poder de transformar as aulas em mais atrativas, prazerosas e desenvolver significativamente a criatividade, a criticidade e a aprendizagem dos estudantes. Entretanto para que isso aconteça, é necessário que o professor saiba utilizar tais recursos - além de planejar as suas aulas - para que o educando alcance as habilidades imprescindíveis a sua formação.

Partindo desta perspectiva, pode-se focalizar na ação docente a responsabilidade tornar as suas aulas mais significativas. Observa-se que é no planejamento das aulas, na ponderação acerca de utilização de diversos dispositivos que as aulas podem se constituir mais prazerosas e significativas. Essa definição trazida por Masetto (2001) carrega consigo reflexões a cerca de como planejar e encaminhar as aulas. Afinal mediação pedagógica vai além do planejar, e perpassa pelo ato de ensinar, de forma que os conteúdos levados pelo professor sejam significativos e que a partir da mediação entre professor e educandos, construa conhecimentos.

A mediação pedagógica tem por objetivo estimular o estudante a aprender e desenvolver conhecimentos significativos, vinculando-os ao seu mundo real, a fim de que o mesmo compreenda o mundo em que vive e que possa contribuir, questionando, agregando, fazendo inferências e relacionando-se. Segundo MASETTO:

[...] O diálogo permanente de acordo com que acontece no momento; troca de experiências; debater dúvidas, questões ou problemas; apresentar perguntas orientadoras; garantir a dinâmica do processo de aprendizagem; propor situações-problema e desafios; desencadear e incentivar reflexões. [...] (2001, p. 145).

Em síntese, a mediação pedagógica é a forma como ensinar um determinado conteúdo, sabendo coletar informações e fazendo com que surja o interesse entre os educandos de pesquisar para que na próxima aula sejam encaminhadas outras discussões, sobre um mesmo assunto e dessa forma, promovendo a interaprendizagem na sala de aula e construção de novos conhecimentos coletivamente.

É de extrema importância chamar a atenção novamente aos planejamentos e a atuação do professor, vinculado às novas tecnologias. É preciso que o professor tenha os seus objetivos muito definidos ao utilizar os recursos tecnológicos como computador e internet, pois esta dispõe de uma infinidade de possibilidades. O professor deve ter objetivos elucidados para não se perder em sua aula e a mesma se tornar evasiva, sem sentido ao significado e essa aula perderá o seu sentido real e político para acontecer.

A grande característica do uso da tecnologia na mediação pedagógica é, de acordo com Masetto, “cooperar para que o aprendiz use e comande as novas tecnologias para suas aprendizagens e não seja comandado por elas ou por quem as tenha programado” (2001, p. 145). A partir desta característica é possível perceber qual o papel do professor para fazer com que o educando reflita sobre as novas tecnologias inseridas na sociedade de forma que saiba utilizá-las, como um sujeito autônomo.

As tecnologias a serviço da educação é um grande avanço, afinal, as mesmas podem e devem ser utilizadas para aprimorar, dinamizar as aulas. Igualmente importante é fazer com que o aluno aprenda de forma autônoma, por meio da mediação, quer pela ação do professor, quer no AVA. O uso das tecnologias na educação, segundo LEVY (1999), possibilita as mesmas coisas que o ciberespaço, ou seja, possibilita o relacionamento independente do espaço geográfico, a inteligência coletiva, as interconexões, favorecidos pelas criações coletivas e redes sociais universais, assim como o AVA, a criação de comunidades virtuais, socialização de conhecimentos. Possibilita ainda a interatividade e a interaprendizagem por meio das interrelações. Esta é a proposta do uso do AVA, na construção do ‘banco de aulas’.

O AVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESPAÇO DE *PRÁXIS*

Com o uso das novas tecnologias da informação e comunicação, os ambientes virtuais de aprendizagem são utilizados na educação a fim de desenvolver a participação, interatividade e

autonomia. Nesta perspectiva, um novo processo e dinâmica nas relações educacionais com a interação que se estabelece no AVA enquanto espaço em que todos acessam e produzem conhecimento com autonomia. Essas relações acontecem para além do ambiente escolar. E a partir do momento em que professores e estudantes, em uma relação de sujeitos socioculturais, que possuem visões de mundo, historicidade, objetivos, valores e emoções, tornam-se participantes do processo de conhecimento na condução da aula dialogada e problematizadora, possibilitando que os conteúdos escolares possuam significado e estabeleçam afinidades com as suas vivências e objetivos.

A atitude crítica e reflexiva do professor contribui para a participação e autonomia do educando. A prática pedagógica reflexiva do professor fruto da ação-reflexão-ação oportuniza e promove a conscientização e autonomia, de si próprio e dos educandos.

No entanto, o que se observa é o descompasso entre teorias educacionais e as praticadas evidenciadas pelos professores (SOUZA e SANTOS, 2008), mesmo aqueles que estão em formação. As autoras elucidam que a causa para esse desconforto é resultado da prática educacional do Brasil, que valoriza o quantitativo em detrimento de qualidade. Há que possibilitar aos licenciandos a análise e compreensão dos contextos históricos, sociais e culturais em que estão inseridos, pois compreender a escola, com suas especificidades, auxilia na reflexão do professor em formação para o desenvolvimento de ações que gerem a autonomia e a aprendizagem significativa, e, atribuição de sentido aos processos formativos desenvolvidos, na apropriação da criticidade e criação.

A práxis, como exercício pedagógico, permite ao sujeito, histórico e coletivo, acessar os caminhos de sua autonomia. Vásquez (2011) afirma que Marx concebe a práxis como uma atitude humana transformadora e ao mesmo tempo formadora de si, que por sua vez, transforma e forma, também, a sociedade. Neste sentido, Freire (1977) propõe que a práxis pedagógica se firma no processo de reflexão e ação dos indivíduos sobre o mundo, transformando-o.

O autor ainda afirma que a práxis é fundamental para a superação da opressão (FREIRE, 1977). Assim, pode-se perceber que a consciência reflexiva representa elemento muito importante para a práxis. Alguns podem conformar-se com as situações, mas há os que se preocupam com um fazer significativo. Esses, interessados na qualidade da educação, direcionam o seu trabalho para uma nova prática com possibilidades de diálogos entre os

saberes da prática e os saberes da formação. Enquanto síntese, Franco (2008) sinaliza que a práxis transforma as condições formativas a que são submetidos os professores.

A reflexão de Saviani (FUSARI, 2011) elucida sobre a importância da reflexão sobre a ação no trabalho docente. O autor afirma que a reflexão filosófica deve preencher três requisitos básicos que apresenta como: radical, rigorosa e de conjunto. Portanto, a reflexão da prática requer a busca da raiz do problema, o embasamento teórico e a visão de um contexto em que ocorrem os fatos. Freitas (2005), citando Alarcão, abaliza sobre a integração de pessoas e processos abordando o seu conceito de professor reflexivo, que pensa a sua prática, como espaço de formação coletiva da profissionalidade docente. O AVA, com o seu ‘banco de aulas’, tem o caráter de espaço reflexivo de formação coletiva, e se configura na construção de saberes desenvolvidos coletivamente neste ambiente.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Para Finalizar, considera-se que a proposta gerada pela tríade colaboração/mediação/práxis, que são transversalizadas no AVA, pelo ‘banco de aulas’ proporciona aprendizagens mais contextualizadas na Formação de Professores. Estas se dão como consequência da construção de relações, originada por uma atitude investigativa, nas práticas realizadas na Universidade, seja do professor, seja do estudante, e nas práticas realizadas na escola, enquanto parceira desta proposta. O AVA, com o seu ‘banco de aulas’, se configura na construção de saberes desenvolvidos coletivamente. Espera-se que esta experiência reforce o papel e importância do AVA, e consequentemente, do ‘banco de aulas’, como espaço mobilizador e integrador de docentes que se envolvem nos processos educativos, como sujeitos coletivos.

Assim, o texto “O trabalho colaborativo na formação de professores: a AVA como espaço de mediação e práxis”, ora apresentado, corrobora como possível evidência de práticas pedagógicas enriquecidas pelas discussões no AVA que, consequentemente propõe a ressignificação de processos envolvidos melhoria da qualidade da Formação de Professores.

¹ Doutoranda em Educação UB – Professora do DEDC I / UNEB – Coord. de subprojeto PIBID/UNEB

² Licencianda do DEDC I / UNEB - Bolsista PIBID/UNEB

³ Licencianda do DEDC I / UNEB - Bolsista PIBID/UNEB

REFERÊNCIAS:

- ALVES, L. R. G. **Conhecimento e Internet: uma construção possível?** Revista de Educação da Faculdade de Educação - FEBA. Salvador, v.1, n.1, p.91 - 108, 2000.
- DAMIANI, M. F. **Entendendo o trabalho colaborativo** em educação e revelando seus benefícios. Educar, n. 31, p. 213-230, Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- FRANCO, M. A. S. **Entre a Lógica da Formação e a Lógica das Práticas: a mediação dos saberes pedagógicos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, Universidade Católica de Santos. V.34, n.1, p. 109-126, jan./abr. 2008.
- FREITAS, M. A. S. **Práxis Pedagógica e Professores Intelectuais: refletindo as tensões e concepções da formação/prática docente.** Dossiê Temático: Trabalho e Educação. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/404>> Acesso em 23 de mai. de 2011.
- FUSARI, J. C. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas.** Idéias, São Paulo: FDE, n. 8, p. 44-58, 1990. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf> Acesso em: 26 de out. de 2011.
- LÉVY, P. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica** / José Manuel Moran, Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens. – Campinas, SP: Papirus, 3 edição 2001.
- RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas. 2002.
- SILVA, M. **O que é Interatividade.** BR Press. 19/07/2000. Disponível em: http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/o_que_eh.html#O%20que%20%C3%A9%20interatividade. Acesso em: 11 de Dez. de 2011.
- SOUZA, H. B; SANTOS, J. Z. **A práxis pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem: uma possibilidade de educar por meio da transdisciplinaridade.** 2º Simpósio Hipertextos e tecnologias na educação: multimodalidade e ensino, 2008 – Universidade Federal de Pernambuco – Recife/PE, Anais Eletrônico. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simpósio2008/anais/Hildonice-Souza-e-Jocenildes-Santos.pdf>> Acesso em: 16 de jul. de 2011.
- VASQUÉZ, S. A. **Filosofia da Práxis.** 2 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales –Clacso: São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.